

USOS E FUNÇÕES DOS PARQUES URBANOS: PERCEPÇÕES SOBRE O PARQUE ECOLÓGICO ASA SUL, BRASÍLIA, BRASIL

USES AND ROLES OF URBAN PARKS: PERCEPTIONS ON THE ECOLOGICAL PARK ASA SUL, BRASÍLIA, BRAZIL

Nayane Martins de Araújo (Autor de Correspondência)

Graduada em Ciências Ambientais pela Universidade de Brasília, Brasil.

E-mail: nayanemaraujo@gmail.com

Cristiane Gomes Barreto

Professora do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, Brasil.

E-mail: crisgbarreto@gmail

Recebido em 20 de outubro de 2020, Aceito em 15 de dezembro de 2020.

DOI: <https://doi.org/10.26512/2236-56562020e40247>

Resumo

Os parques urbanos têm um papel central no planejamento urbanístico por proporcionarem benefícios ao meio ambiente e à sociedade, tornando-se fundamentais às grandes cidades. Este trabalho se dedicou a descrever a história do Parque da Asa Sul, localizado no Plano Piloto de Brasília – DF, e analisar o perfil de seus visitantes, bem como as suas percepções em relação ao parque. Além disso, a pesquisa teve como propósito analisar a preferência de uso dos potenciais visitantes do parque. A metodologia adotada baseou-se no levantamento de dados primários por meio da aplicação de questionário eletrônico e físico, estruturado com questões objetivas e subjetivas. A maior parte dos usuários é de vizinhos ao parque, predominantemente adultos e idosos, com alta formação escolar, que buscam caminhar e praticar atividades físicas. Em contrapartida, parte daqueles que não visitam o parque alegam desconhecimento do mesmo ou falta de segurança. Ademais, as demandas quanto à recuperação de áreas degradadas ou outros serviços que prestem à melhoria da qualidade ambiental do parque são tratadas como de menor importância. Foi possível concluir que 89% das pessoas visitam o parque com intuito de praticar atividades físicas e não necessariamente pelos atributos naturais, indicando que, para o planejamento dos parques urbanos, é necessário atentar-se às principais demandas dos potenciais usuários, incluindo a disponibilidade de equipamentos para atividades físicas e a segurança, além dos atrativos naturais.

Palavras-chave: Uso Público. Áreas Protegidas. Cerrado. Planejamento Urbano.

Abstract

Urban parks have gained a central role in urban planning in recent years. They perform benefits to the environment and to society, which turns them essential in the scenario of large cities. This work describes the history of Parque da Asa Sul (Brasilia, Brazil) and to analyze the profile of its visitors, as well as their perceptions in relation to the park. Besides, this research aimed to analyses the use preferences from park's potential visitors. A survey of primary data was carried out. Most users of the Park are neighbors of the park, predominantly adults and the elderly, with high school education, who seek, primarily, to walk and practice physical activities. In contrast, some of those who do not visit the Park claim to be unaware of it or because they do not feel safe inside it. Demands regarding the recovery of degraded areas or other services that provide for the improvement of the park's environmental quality are treated as of minor importance. It was possible to conclude that 89% people visit the Park in order to practice physical activities and not necessarily because of the natural attributes, indicating that, for the planning of urban parks, it is necessary to pay attention to the main demands of potential users, including availability equipment for physical activities and safety, in addition to natural attractions.

Keywords: Public Use. Protected Areas. Cerrado. Urban Planning.

Introdução

A partir do século XVIII na Inglaterra, com a Revolução Industrial, houve um crescimento desordenado das cidades e da população europeia. Essa transição rápida para novos processos de produção gerou, nos grandes centros urbanos, problemas de insalubridade e higienização. Junto com a massiva concentração populacional em espaços urbanos surgiu então a necessidade de criar ambientes propícios para o lazer e recreação. Com isso, no mesmo século, os parques urbanos, ganharam de fato, espaço nos meios urbanos (MAYMONE, 2009). É nesse momento que os parques urbanos passaram a ser essenciais nas grandes cidades europeias, desempenhando, principalmente, benefícios sociais para a população (LOURES; SANTOS; PANAGOPOULOS, 2007).

Ao longo dos séculos XIX e XX, em decorrência do êxodo rural, mecanização da lavoura e a industrialização das cidades europeias, os centros urbanos tornaram-se ambientes muito povoados. Além dos problemas relacionados à poluição atmosférica, sonora e odores, a contaminação hídrica, entre outros, comprometiam a saúde e o bem-estar da população. Com a vida corrida devido aos novos ritmos de trabalho nas cidades, as pessoas passeavam nos parques urbanos para se refugiar dos problemas trazidos pelas grandes mudanças causadas pela Revolução Industrial, surgindo como áreas que possibilitavam a recreação e afastavam, mesmo que temporariamente, as pessoas das mazelas dos aglomerados urbanos. Serviam, portanto, como refúgio dos problemas das cidades, possibilitando o lazer, a recreação e a contemplação da natureza.

Nos Estados Unidos o espaço que mais se aproximava de parques urbanos eram os cemitérios, mas, no entanto, devido às transformações ocorridas no território e à grande expansão industrial, foi impulsionada a criação de ambientes urbanos com o estilo dos parques ingleses românticos (GARABINI, 2004).

O *Central Park* de *Nova York*, primeiro parque urbano dos Estados Unidos, foi criado em 1858 por Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux, com paisagem pastoral, extensas áreas gramadas e com bastante árvores. Atualmente, o *Central Park* é cercado por arranha-céus numa das metrópoles mais populosas do mundo e serviu como inspiração para a criação de outros grandes parques urbanos (BARCELLOS, 2002), que tiveram, no final do século XIX, o seu papel para a saúde humana fortalecido. Nessa época, eles passaram a ser reconhecidos como fonte de benefícios para o bem-estar da população, vistos como uma espécie de “pulmão” que continha ar puro dentro das adversas áreas urbanas. Além disso, os parques passaram a representar ideais democráticos, pois favoreciam a interação das pessoas, o compartilhamento de valores e interesses (FERREIRA, 2005; LOURES; SANTOS; PANAGOPOULOS, 2007).

Conforme Macedo e Sakata (2003), a ideia do parque urbano no Brasil do século XVIII foi concebida de forma semelhante a de seus interlocutores internacionais, principalmente como a Inglaterra e a França. Contudo, o seu uso era voltado principalmente para as classes dominantes da sociedade. Ao contrário do contexto urbano europeu, que sofria com a concentração das massas populacionais nas cidades e idealizou o parque urbano como refúgio às suas mazelas, o Brasil ainda tinha, no século XVIII e XIX, uma população urbana bem reduzida (BOVO; CONRADO, 2012).

Desse modo, no contexto brasileiro, mesmo diante dos avanços em outros países, as mudanças comportamentais e do espaço urbano não foram incorporadas. O início do século XIX foi marcado por uma reorganização estrutural, principalmente em 1808, com a chegada da família real portuguesa no país (SILVA; PASQUALETTO, 2013). Os três primeiros parques públicos foram, assim, criados na cidade do Rio de Janeiro, com as características morfológicas e funcionais na qual se conhece hoje. São eles: o Passeio Público (1783), o Jardim Botânico (1808) e o Campo de Santana (1880).

O Passeio Público, oficialmente o mais antigo parque urbano do Brasil, criado em 1783, com um traçado extremamente geométrico e inspirados em jardins clássicos francês, foi totalmente reformado pelo paisagista francês Auguste Glazou em 1861 e perdeu seu traçado neoclássico, geométrico e acadêmico, dando lugar a um projeto moderno na época (MACEDO; SAKATA, 2003).

Embora não exista um panorama quantitativo ou qualitativo dos parques urbanos brasileiros, uma análise constante da literatura sobre os parques urbanos remete frequentemente à sua importância para a qualidade de vida e por outro lado, a necessidade de melhorar o planejamento e a gestão dos parques para favorecer a sua utilização pela sociedade (LOBODA; DE ANGELIS, 2005; SILVA, PASQUALETTO, 2013; SZEREMETA; ZANNIN, 2013).

Diante da constante requalificação dos espaços urbanos nos centros das cidades e com a necessidade de se criar cada vez mais espaços de lazer e recreação, introduzindo as dimensões ambientais e paisagísticas no planejamento, a temática sobre Parque Urbano assume um papel fundamental em relação ao desenvolvimento dos planos e projetos urbanísticos (MACEDO; SAKATA, 2003). Para os autores, o parque urbano, de fato, foi um produto da era industrial, que surgiu na tentativa de contrapor o acelerado crescimento da estrutura urbana e amenizar os problemas decorrentes desse novo espaço. Atualmente, o conceito utilizado pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) é de que “Parque urbano é uma área verde com função ecológica,

estética e de lazer, no entanto, com uma extensão maior que as praças e jardins públicos” (BRASIL, 2012).

Eles se diferem dos parques do Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC (Lei n. 9.985/2000) por se inserirem em uma matriz urbana e oferecerem serviços culturais e educativos com maior frequência, estando, também, ligados a atividades esportivas. O parque urbano contempla, assim, com maior destaque que os parques do SNUC, a dimensão social dentre os seus propósitos, funcionando como um instrumento da democracia e da formação da cidadania. São nos parques urbanos que grande parte da população desenvolve uma maior conexão com a natureza e tem a oportunidade de visitar áreas naturais sem a necessidade de percorrer longas distâncias (BRASIL, 2020).

De acordo com o SNUC, parque está associado ao conceito de Unidades de Conservação (UC) de proteção integral, seja no âmbito federal, estadual ou municipal, tanto em zonas rurais como urbana. Além disso, esses espaços têm como objetivo preservar o meio ambiente e oferecer qualidade de vida às populações que residem entorno dessas áreas (BRASIL, 2000). Outrossim, os parques prestam serviços ambientais nas cidades, colaborando para o equilíbrio ecológico dentro do sistema urbano, e tornando as áreas verdes elemento essencial na construção de uma sociedade mais sustentável.

Todavia, os parques urbanos ainda são criados e valorizados especialmente a partir dos seus atributos naturais e funções ecológicas e, adicionalmente, para proporcionarem qualidade de vida (GOMES, 2014). A partir da instituição do SNUC, o parque urbano no Brasil assumiu o significado e função de preservação da biodiversidade para o bem coletivo (CARDOSO *et al.*, 2015). O parque urbano passaria a ser o *locus* da preservação ambiental, da contemplação e do bem-estar daqueles que o utilizam e/ou que vivem em seu entorno (LOBODA; DE ANGELIS, 2005).

Além da função de fornecimento de serviços ecossistêmicos e qualidade de vida, o parque urbano favorece ainda a criação de fóruns de discussão, principalmente no que concerne aos conflitos existentes nesses espaços, e a formação de uma cidadania ambiental (LOUREIRO; CUNHA, 2008). Contudo, muitas vezes o espaço urbano não apresenta condições favoráveis à representatividade da fauna e flora nativas, ao fornecimento de serviços ecossistêmicos pelos parques urbanos que, muitas vezes sofrem de isolamento e área extremamente reduzida. Dessa forma, a conotação ecológica desses parques assume uma função simbólica e pode ficar, para a sociedade, obscurecida diante das suas funções sociais e econômicas (GOMES, 2014). Essa discussão é necessária para que se compreenda, caso a caso, as motivações que levaram à criação e uso dos parques urbanos, permitindo assim, um planejamento mais assertivo, que possa favorecer uma maior apropriação dos parques pela população local, garantindo-lhes

perpetuidade em espaços urbanos cada vez mais conurbados e disputados por empreendimentos imobiliários.

Hoehner *et al.* (2005) evidenciou que os usos e funções dos parques urbanos estão diretamente associados a diferentes características ambientais percebidas e objetivas. Em outras palavras, a percepção da população local sobre os atributos e funções de um parque urbano vai determinar a forma que esse espaço será usado. É sobre essas conexões entre o atributo, a percepção, o uso e a função que as ações de política e gestão do parque precisam ser planejadas.

O objeto desta pesquisa é o Parque Ecológico Asa Sul, localizado na área central urbana da capital brasileira – Brasília, que é tido como pouco frequentado e conhecido em relação a outros parques urbanos locais. Parte-se do pressuposto de que os seus atributos naturais, a segurança, infraestrutura e outras facilidades não sejam suficientemente encorajadores para motivar um maior uso do parque.

Tendo em vista que parte dos objetivos dos parques é oferecer qualidade de vida para a população que os visitam ou vivem próximos a essas áreas, torna-se indispensável conhecer o perfil dos potenciais visitantes e compreender os anseios e a percepção ambiental que eles possuem dessas áreas. Portanto, o objetivo do trabalho é compreender como o Parque da Asa Sul se constituiu no espaço urbano e quais seriam as principais motivações, ou o que determina a falta destas, para o seu uso e proteção por parte da população local.

Área de estudo

A pesquisa foi desenvolvida no Parque Ecológico Asa Sul, antigo Parque de Uso Múltiplo da Asa Sul, o qual foi criado pelo Decreto n. 24.036 de 10 de setembro de 2003 e passou por mudança de categoria por meio do Decreto n. 40.116 de 19 de setembro de 2019. O parque localiza-se na Região Administrativa de Brasília (Distrito Federal), na Asa Sul, entre a Via L2 Sul e a Via L4 Sul, na quadra do Setor de Grandes Áreas Sul (SGAS) 613/614, com uma área total de 21,7325 hectares, conforme se observa na Figura 1:

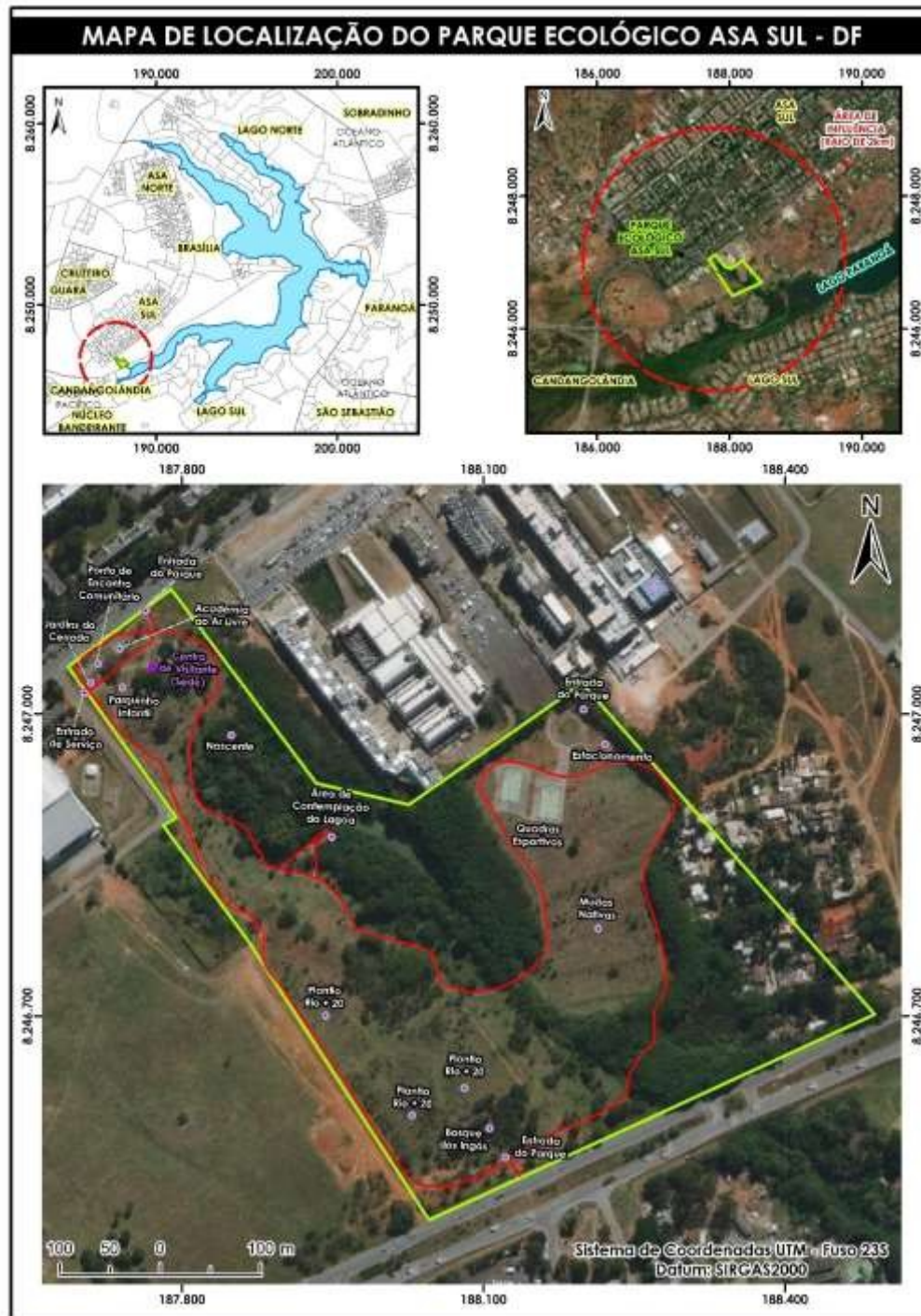


Figura 1 – Mapa de localização do Parque Ecológico Asa Sul. Fontes: IBGE, Dados levantados em campo. Imagem GeoEye (Basemap, ESRI, MAXAR), composição RGB: 3/2/1. Data: 15 de outubro de 2020.

Atualmente, o parque conta com os seguintes atrativos/infraestrutura: Centro de Visitante (Sede do Parque); Ponto de Encontro Comunitário (PEC); Academia ao Ar Livre; Parquinho Infantil; pistas para caminhada/corrida; quadras esportivas; lagoa; Área de Contemplação da Lagoa; e uma nascente.

Além disso, o parque é frequentemente visitado por capivaras, que o utilizam para tomar banho de sol e nadar na lagoa, além de aves silvestres de diversas espécies, como a maria faceira, curicaca, tapicuru de cara pelada e o martim pescador, que passam e se beneficiam da

vegetação nativa do bioma Cerrado no interior do parque. Aulões para incentivo a prática de atividade física também são realizados no local.

Segundo Coelho (2017), na década de 1990, o local servia como uma área de aterro, que recebia centenas de caminhões de terra resultantes das escavações feitas para a construção dos prédios da Capital Federal. Diante da degradação da área, o aumento da violência e o fato de boatos que aquela área seria licitada pela Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap), a comunidade das quadras adjacentes deu início ao processo de transformação daquela área em um parque (COELHO, 2017). A partir de então, a comunidade passou a ser mais atuante e criou a Associação dos Amigos do Parque da Asa Sul (APASUL), formalizada em 4 de novembro de 2003.

Apesar dos esforços da comunidade e do poder público, o Parque da Asa Sul ainda carece de uma base de dados que contenha informações dos seus visitantes e os tipos de atrativos que dispõe. Isso faz desta pesquisa um estudo estratégico para o desenvolvimento do uso público do parque, como ferramenta auxiliar ao seu planejamento.

Métodos

O levantamento dos dados primários se deu por meio da aplicação de questionários eletrônicos e físicos, sendo que a elaboração das questões tinha como objetivo extrair dos respondentes informações do perfil e da percepção em relação ao parque, tanto dos usuários como daqueles que não são frequentadores. O questionário eletrônico ficou disponível na internet de 06 a 29 de fevereiro de 2018. Além disso, os questionários foram aplicados com o propósito de analisar e comparar a preferência de uso das pessoas que residem dentro de uma proximidade de até 2 km do parque, pois, pressupõe-se que a população está disposta a caminhar, em média, até cerca de dois quilômetros (1,3 milhas) para atividades ao ar livre (ROYAL; MILLER-STEIGER, 2008). Sendo assim, foi determinado um *buffer* de 2 km a partir da sede do Parque, e considerado a população correspondente aquele perímetro, exceto a população do Lago Sul, pois possui uma barreira formada pelo Lago Paranoá. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população dessa área estimada é de 38.897 habitantes.

Antes do processamento dos dados, foi realizada uma revisão dos formulários a fim de excluir os questionários que pudessem ter sido duplamente respondidos no meio eletrônico. Para determinar o tamanho ideal da amostra foi utilizada a fórmula abaixo com base na estimativa da proporção populacional (TRIOLA, 1999):

$$n = \frac{N \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot (Z_{\alpha/2})^2}{\hat{p} \cdot \hat{q} \cdot (Z_{\alpha/2})^2 + (N - 1) \cdot E^2}$$

Onde: n = número de indivíduos; $Z_{\alpha/2}$ = valor crítico que corresponde ao grau de confiança desejado; E = margem de erro; N é o tamanho da população; \hat{p} = proporção populacional de indivíduos; \hat{q} = proporção populacional de indivíduos que não pertence à categoria. Neste caso, os valores de \hat{p} e \hat{q} não são conhecidos, então se atribui o valor de 0,5 para cada uma das variáveis.

Aplicando-se a fórmula citada acima para determinar o tamanho da amostra e considerando o intervalo de 90% de confiança, erro (E) de 10% e valor crítico ($Z_{\alpha/2}$) sendo 1,645 (tabelado), obteve-se uma amostra mínima de 68 questionários, para atender tais critérios de robustez da análise.

De posse dos questionários respondidos, a amostra foi classificada levando em consideração dois critérios: se os respondentes visitaram ou não o parque e se os respondentes residem ou não dentro do *buffer* de 2 km a partir da sede do parque.

Para fins de análise, foram estabelecidas algumas denominações, sendo: “potenciais usuários” - todos aqueles que residem a menos de 2 km do parque, incluindo os que visitaram e os que não visitaram o parque (estão dentro do *buffer* de 2 km); “usuários” - respondentes que afirmaram ter visitado o parque; “outros” - respondentes que residem a mais de 2 km do parque, tanto aqueles que visitaram como os que não visitaram o parque (estão fora do *buffer* de 2 km); “não usuários” - todos os respondentes que afirmaram não ter visitado o parque, tanto aqueles que residem a menos de 2 km como os que residem a mais de 2 km.

Além da análise do perfil dos usuários e da percepção destes sobre o parque, em relação às perguntas “Quais benefícios/funções gerados pelo Parque de Uso Múltiplo da Asa” e “Qual percepção/sentimento dos usuários ao visitarem o Parque de Uso Múltiplo da Asa Sul”, foram feitas análises comparativas ao trabalho realizado por Pimenta *et al.* (2013) em 2013 no mesmo local da atual pesquisa, o qual aborda os benefícios sociais e ambientais do parque por meio da percepção dos frequentadores da área.

Por fim, foi elaborada uma nuvem de palavras, com o uso do aplicativo *online* “*WordArt*” (disponível em <https://wordart.com/create>), para as respostas obtidas a partir da questão aberta “O que aumentaria a visitação do Parque Ecológico Asa Sul do Distrito Federal?”, dirigida ao grupo de usuários do Parque.

Quanto aos não usuários, por meio das perguntas “Você já tinha ouvido falar do Parque da Asa Sul?”, “Por qual(is) razão(ões) você ainda não teria visitado o Parque da Asa Sul” e “Qual(is) parque(s) você costuma visitar”, foi possível identificar e analisar os principais motivos destes respondentes não visitarem o parque.

Os questionários físicos foram aplicados nos dias 22/01/2018, entre 08hrs40min até 10hrs30min, e no dia 14/02/2018, entre 17hrs50min até 19hrs50min.

Resultados e Discussão

Em relação aos questionários eletrônicos, foram respondidos um total de 119. Quanto aos questionários físicos, aplicados dentro dos limites do parque, foram abordadas 20 pessoas, totalizando 139 respondentes.

O estudo teve como foco analisar o comportamento dos potenciais usuários ($n=82$), que são aqueles que residem a menos de 2 km do parque. Embora também seja levado em consideração os “outros” ($n=57$), que representam os respondentes que residem a mais de 2 km do parque, conforme esquematizado na Figura 2:

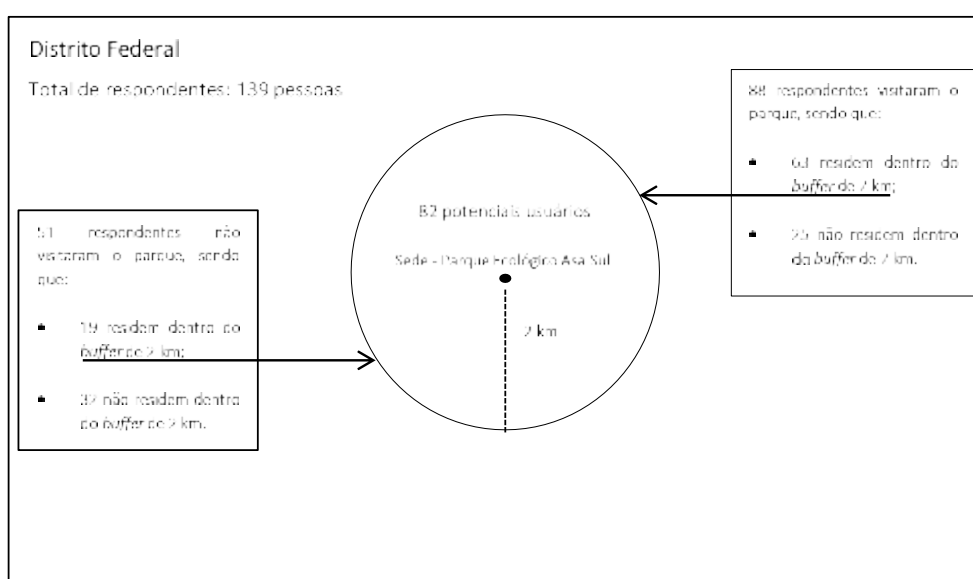


Figura 2 - Esquema da análise dos questionários referente ao Parque Ecológico Asa Sul do Distrito Federal.

Observa-se acima quanto aos potenciais usuários, 76,83% visitaram o parque e 23,17% não visitaram, já em relação aos “outros”, 43,86% visitaram o parque e 56,14% não visitaram o parque.

Perfil dos usuários do Parque Ecológico Asa Sul

Em termos de gênero, o percentual de visitantes do sexo feminino foi de 52,27% e do sexo masculino de 47,73%, dos 88 usuários que visitaram o Parque Ecológico Asa Sul. Este resultado reflete os dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010 em relação a população do Distrito Federal (BRASIL, 2010).

Em relação à faixa etária dos usuários, observou-se uma predominância de pessoas com idade entre 30 a 49 anos (40,91%) e 50 anos ou mais (46,59%). De acordo com Tomiazzi *et al.* (2006), a procura por atividades física e lazer, principalmente a partir dos 40 anos,

provavelmente está relacionada com os novos conceitos de qualidade de vida e a necessidade de contato direto com natureza.

Em relação ao nível de escolaridade dos usuários, destaca-se a pós-graduação completa, correspondendo 48,86% dos usuários enquanto, 29,55% possuem nível superior completo e/ou pós-graduação incompleta. Não houve uma predominância da profissão ou área de atuação, sendo que os mais citados foram: aposentado e servidor público.

A análise do perfil socioeconômico do público-alvo em estudos de percepção ambiental é importante uma vez que permite conhecer as principais características dos frequentadores da área, facilitando o planejamento de ações de sensibilização e eventos de educação ambiental sobre determinados assuntos a serem desenvolvidos no local (MONTEIRO *et al.*, 2013).

Quanto à frequência de visitação dos usuários, aproximadamente 32% dos que residem dentro do raio de 2 km do parque frequentam duas ou mais vezes na semana, 19,05% vão diariamente ao parque e 14,29% vão pelo menos uma vez na semana. Segundo estudos de Szeremeta e Zannin (2013), a maior proximidade do parque em relação às residências está entre os principais determinantes para a adesão e manutenção da frequência de visitantes.

É possível observarmos na Figura 3, em um raio de 2 km a partir da sede, o elevado grau de urbanização nas proximidades do Parque da Asa Sul:



Figura 3 - Densidade de ocupação em um *buffer* de 2 km a partir da Sede do Parque Ecológico Asa Sul do Distrito Federal.

Os dados de Hildebrand *et al.* (2001) também mostram que há uma correlação inversamente proporcional entre distância e frequência de usuários dos parques urbanos de Curitiba, Estado do Paraná. Esta pesquisa corrobora essas evidências e sinaliza que o planejamento dessas áreas deve ser voltado preferencialmente para o perfil e necessidades da população do entorno próximo.

Quanto à frequência de visitação dos que residem a mais de 2 km do parque (n=25), 48% vão mensalmente ao parque enquanto 40% responderam “outros” como, por exemplo, “uma vez pra conhecer”, “quase nunca”, “de vez em quando”.

Nota-se que aqueles usuários que moram a mais de 2 km do parque têm uma frequência bem abaixo dos que moram mais próximo. Apenas 8% vão ao parque uma vez por semana e 4% diariamente. Esse cenário é corroborado também por Reis (2001), que afirma que a distância entre a residência e o parque está diretamente associada com a frequência que o usuário irá visitá-lo.

No que se refere ao modo que os usuários que residem a menos de 2 km do parque (n=63) acessam o parque, mais de 85,71% deslocam-se a pé, enquanto a maioria dos usuários que reside a mais de 2 km do parque (n=25) deslocam-se de carro (52,00%).

Os usuários que residem a menos de 2 km do parque que se deslocam de carro, à pé/bicicleta e à pé/carro, 66,66% não possuem uma frequência significativa de visitação. Além disso, os usuários que residem a mais de 2 km do parque e que se deslocam de carro, também não são frequentes (92%). Esses dados demonstram que aqueles usuários que utilizam meios de transporte para se deslocarem não estão dispostos a visitarem o parque com frequência, sinalizando que para a criação dessas áreas verdes é necessário considerar pontos estratégicos das cidades a fim de favorecer a visitação. Em relação ao que aumentaria a visitação do parque, esses usuários citaram a segurança, infraestrutura, manutenção, divulgação e conservação, dentre outros.

Entre os usuários que confirmaram ter visitado o parque, procurou-se identificar as principais atividades desenvolvidas durante a permanência no parque. Metade dos usuários afirmou ser a caminhada. Além da caminhada, 25,00% visitam o parque para correr e utilizar a Ponto de Encontro Comunitário (PEC) /Academia. Somente 2,27% responderam que visitam o parque para contemplação, 2,27% apenas passagem e 6,82% “outros”, o que equivale a, por exemplo, “aulões” de ginástica ou fotografar aves.

Com base na maior parte das entrevistas é possível afirmar que o parque tem atendido às expectativas dos usuários em relação aos atrativos disponíveis atualmente e que possibilitam a realização das práticas mencionadas acima. Contudo, os usuários citaram a necessidade de locais voltados para a recreação infantil (na época da pesquisa o parque não contava com área destinada à essa finalidade), promoção de eventos, ações comunitárias, cursos e mais áreas destinadas ao lazer.

Quanto ao tempo que os usuários passam no parque, foi observado que 50% passam cerca de uma hora, 36,36% mais de uma hora e 13,64% menos de uma hora. Conforme Pimenta *et al.* (2013), esse tempo de permanência está relacionado com o tempo dedicado à prática de exercícios físicos, no qual os usuários, em sua maioria, apenas se dedicam à atividade e não se prendem à paisagem natural do parque.

Conforme Kliass (1993), embora os usuários visitem o parque principalmente para o desenvolvimento de atividades físicas, esses espaços verdes também funcionam como refúgios naturais nos conglomerados urbanos, pois o contato direto com a natureza junto ao lazer e recreação amenizam os problemas gerados pelo ritmo de vida agitada do homem contemporâneo. Assim, os parques urbanos, por fazerem parte do cotidiano dos frequentadores, despertam, aos poucos, a importância da conservação do bioma local.

Percepção dos usuários em relação ao Parque Ecológico Asa Sul

Quanto às quadras esportivas, 60% dos usuários responderam que se encontra em situação “razoável”, 44,29% responderam que a PEC/Academia está em situação “boa”, 46,67% considera o quiosque em situação “razoável” e quase 41% consideraram as pistas em situação “boa”. Os usuários mencionaram que falta manutenção nos equipamentos/infraestrutura.

No que se refere a outros serviços que o parque oferece 47,73% dos usuários classificou como sendo “razoável” a estrutura física, assim como a sinalização (39,77%) e a limpeza (51,14%), exceto a acessibilidade, na qual 44,32% disseram que a qualidade do acesso ao parque é “boa”. Vale salientar que, quanto à acessibilidade, os usuários mencionaram que deveria ter estacionamento e faixas de pedestre próximo ao parque, uma vez que, atualmente, não há lugar adequado para estacionar o carro e a faixa para a travessia da via L2 Sul está distante da entrada principal do parque.

Quanto aos benefícios/funções gerados pelo parque, entre os 88 usuários, qualidade de vida foi a função mais citada, por 76, seguido por lazer (52), serviços ambientais (26), conforto (13) ou “outros” (12).

A qualidade de vida e o lazer configuram-se como sendo os maiores benefícios/funções gerados pelo parque, fato esse encontrado também por Pimenta *et al.* (2013), o qual verificou que a maioria dos usuários afirma que a principal função do parque é o lazer e o principal benefício descrito pelos usuários é a saúde, o que está relacionado com a qualidade de vida. Apesar desse reconhecimento, em relação à percepção/sentimento que os usuários têm ao visitar o parque, 44,31% citaram o medo, 40,91% tranquilidade, 23,86% silêncio, 18,18% paz, 4,54% indiferença e 10,23% “outros”.

Nota-se que um número considerável de usuários sente medo ao visitar o parque. A presença de uma ocupação chamada Vila Telebrasil, ao lado, a falta de iluminação e o pouco movimento no parque são fatores que, segundo os usuários, geram insegurança. Isso é extremamente preocupante, pois o medo pode ser um dos fatores que impede que as pessoas visitem o parque.

Em contrapartida, no trabalho desenvolvido por Pimenta *et al.* (2013), a maioria dos usuários (cerca de 43%) afirmou ter sentimento de tranquilidade. Segundo a Administração do parque, a ocupação da Vila se intensificou a partir de 2014. Talvez isso explique o fato dos usuários não se sentirem mais tão seguros na atual pesquisa.

De acordo com Cardoso *et al.* (2015), a delimitação da área do parque, bem como a divulgação de seu limite às comunidades adjacentes são essenciais para que a população se empodere do local enquanto espaço público de uso coletivo. Segundo o autor, a possibilidade de vandalismo e depredação dos recursos naturais em áreas com conflitos territoriais é alta, o que pode afetar o usufruto do parque por parte de seus visitantes.

Quando foram perguntados sobre o que poderia aumentar a visitação do Parque, a segurança foi citada por 52,27% dos usuários, se destacando como tema mais frequentemente lembrado. A Figura 4 traz uma nuvem de palavras elaborada a partir das respostas dos usuários do Parque.



Figura 4 - Nuvem de palavras geradas a partir do questionamento sobre o que aumentaria a visitação do Parque Ecológico Asa Sul do Distrito Federal. Fonte: *Word Art*.

Observa-se que, de acordo com os usuários, o aumento da segurança é o principal indicativo que poderia ampliar e garantir a visitação do Parque, seguido por infraestrutura, manutenção, divulgação e conservação. Tal resultado corrobora a importância do poder público, em parceria com a comunidade vizinha, atentarem-se as fragilidades do parque, uma vez que o descaso com essas áreas verdes pode determinar a perda de suas principais características e funções associadas à qualidade de vida e a preservação ambiental (CARVALHO, 2017).

Para entender a relação da cidadania ambiental com a frequência no parque, foram perguntados aos usuários se os mesmos tinham interesse ou atuação em questões ambientais. Do total, 67,05% afirmaram que sim, enquanto 11,36% responderam não e outros 21,59% não registraram sua opinião.

Provavelmente as pessoas que não demonstram interesse, ainda não estão sensibilizadas com o valor do parque para os ecossistemas urbanos e para a qualidade de vida (VIANA *et al.*,

2014). Para eles, a função essencial do parque está ligada às questões sociais, ao lazer e recreação. Por outro lado, esse resultado mostra também que as pessoas que frequentam o parque, na sua maioria, têm alguma atuação/interesse com as questões ambientais e, portanto, podem ser parceiros em ações ambientais do parque e potenciais atores de uma agenda política ambiental daquela região.

Análise dos dados dos respondentes que não visitaram o Parque Ecológico Asa Sul

Em relação à pergunta “Você já tinha ouvido falar do Parque da Asa Sul?”, dos não usuários que moram menos de 2 km do parque (n=19), 57,89% disseram que “sim”, enquanto 31,58% e 10,53% disseram que “não” e “talvez/Não me lembro”, respectivamente. Quanto aos não usuários, residentes a mais de 2 km do parque (n=32), 43,75% já ouviram falar sobre o parque enquanto, 31,25% e 25,00% disseram que “não” e “talvez/Não me lembro”, respectivamente.

Ao considerar os não usuários, residentes a menos de 2 km do parque, mais da metade já ouviu falar do parque, no entanto nunca o visitaram, mesmo morando bem próximo dele. Com esse resultado fica evidente a necessidade de divulgar mais o parque, o que reafirma quando os próprios usuários disseram que uma das medidas que influenciariam o aumento da visitação do parque era a sua divulgação.

Quanto a pergunta “Por qual(is) razão(ões) você ainda não teria visitado o Parque da Asa Sul”, dos usuários que residem a menos de 2 km do parque (n=19), 42,10% disseram não saber onde localiza o parque, 42,10% que não é seguro, 26,32% que não tem atrativos, 21,05% que os outros parques são melhores e 0,05% devido a infraestrutura.

Além disso, 47% e 25% dos não usuários residentes de mais de 2 km do parque (n=32), não sabe onde fica e que não têm atrativos, respectivamente. Diante desses dados, é possível perceber que mesmo estando localizado em uma região central e urbana de Brasília, o Parque Ecológico Asa Sul é pouco conhecido, justificando a necessária divulgação, principalmente na região, além do aprimoramento da infraestrutura.

Quanto aos parques que os não usuários costumam visitar, o Parque da Cidade foi o mais citado, tanto pelos que residem a menos de 2 km quanto aos que residem a mais de 2 km do parque, seguido pelo Parque Olhos D’água. O que talvez explique essa preferência é o fato de que, tanto o Parque da Cidade, projetado por Oscar Niemeyer e com atrações para todas as idades, como os Olhos D’água, o qual abriga uma importante biodiversidade e é palco de diversas atividades culturais, são lugares popularmente conhecidos e possuem uma infraestrutura atrativa para receber seus visitantes.

Conforme Reis (2001), as características que atraem as pessoas para o parque estão mais relacionadas com a imagem que essas pessoas criam desse espaço, ou seja, com uma boa qualidade física, infraestrutura adequada, segurança, fácil acesso, juntamente com outros fatores benéficos, irão influenciar diretamente no aumento da visitação do parque, pois esses espaços precisam ser notados a ponto de atrair e motivar a frequência de usuários. Diante disso, nota-se a importância de qualificar os benefícios, funções e serviços trazidos pelos parques urbanos.

Na percepção de Costa (2011), um dos maiores desafios na administração de parques urbanos no Distrito Federal é decorrente da alternância dos gestores das cidades, o que resulta na descontinuidade de políticas adotadas para a gestão desses espaços, além da insuficiência de recursos financeiros para manutenção e desenvolvimento de projetos educativos voltados para a preservação das áreas verdes. Ainda de acordo com o autor, o período de construção e o constante crescimento urbano de Brasília contribuem para os conflitos relacionados a fatores econômicos, sociais e ambientais, como o uso do solo para habitação/comércio, conflitos territoriais e pressões sobre áreas de proteção ambiental, incluindo as áreas dos parques urbanos.

Para Cardoso *et al.* (2015), em seu estudo sobre a gestão do Parque Ecológico do Município de Belém, um dos fatores importantes na gestão de parques urbanos é a construção de uma aliança de governança participativa entre os agentes envolvidos, principalmente com a comunidade vizinha, os potenciais usuários dessas áreas públicas. Portanto, é necessário alinhar os anseios da população que residem próximo a esses espaços verdes, principalmente em uma área predominantemente habitada, para melhoria e usufruto do parque.

Conclusão

A percepção dos usuários do Parque da Asa Sul demonstra estar alinhada com os propósitos de promover o bem-estar e assegurar os serviços ecossistêmicos locais. Uma grande parcela dos seus usuários tem interesse em questões ambientais e veem a importância do parque para a qualidade de vida e para a manutenção dos serviços ambientais, reforçando a função ambiental desses parques para as cidades.

Ainda assim, os usuários demandam uma melhor oferta de serviços voltados para o seu usufruto como segurança, iluminação e manutenção dos equipamentos públicos. As demandas quanto à recuperação de áreas ou outros serviços que prestem à melhoria da qualidade ambiental aparecem com menor importância.

Este estudo mostrou que a maior parte dos usuários, em especial os mais frequentes, são moradores que vivem muito próximos ao parque, são predominantemente adultos e idosos, com alta formação escolar, que buscam os serviços de caminhada e outras atividades físicas, prioritariamente. A atividade física parece atrair mais as pessoas do que os atributos naturais do Parque. Aqueles que não visitam o parque, em parte, é porque o desconhece ou porque não se sente seguro nele.

Para potencializar a visitação do Parque da Asa Sul, sugere-se que o poder público invista na divulgação e na oferta de atrativos para a comunidade como áreas de lazer e promoção de eventos, além de banheiros, áreas gramadas e sombreadas, pistas sinalizadas, alambrado em todo o parque e iluminação para funcionamento noturno. Propõe-se também a implementação de um quiosque que ofereça alimentação, um espaço coberto e bancos em alguns pontos do parque, além de melhoria na segurança, pois foi a maior preocupação dos respondentes.

No entanto, é importante ressaltar que a participação da comunidade em manter o parque ativo e em boas condições para receber seus visitantes bem como a sua conservação, é de extrema importância, uma vez que os parques urbanos geram benefícios/funções para a população do Distrito Federal e, além disso, com a comunidade mais participativa é possível construir uma sociedade mais justa e sustentável.

O Parque da Asa Sul corrobora a extrema importância dos espaços verdes no meio urbano. Além de motivar a prática de atividades físicas nessas áreas, coloca as pessoas em contato direto com a natureza, incentivando aos poucos, o seu comprometimento com as causas ambientais, desde que o seu planejamento esteja alinhado com os interesses dos visitantes, bem como, com as funções ecológicas da área.

Chegou-se à conclusão de que a inserção de políticas efetivas voltadas para a acessibilidade, funções sanitárias e implantação de sistemas de irrigação, manutenção e vigilância intensificariam os benefícios dos espaços verdes públicos da cidade, conseqüentemente, beneficiando o espaço urbano e seu público usuário.

Referências Bibliográficas

- BARCELLOS, V. Q. (2002) Os Parques: Velhas idéias e Novas Experiências. Paisagem, Ambiente e Ensaios 13, 49 – 71. Projeto. São Paulo. Dezembro de 2002.
- BOVO, M. C.; CONRADO, D. (2012) O parque urbano no contexto da organização do espaço da cidade de Campo Mourão (PR), Brasil. Caderno Prudentino de Geografia, v. 1, n. 34, p. 50-71, 2012.
- BRASIL, (2000). Ministério do Meio Ambiente (MMA). Lei n. 9.985, de 18 de Julho de 2000. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. Diário Oficial da República Federativa do Brasil.
- BRASIL, (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico de 2010. Recuperado em 04 de abril de 2018, de:<

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/brasil/pesquisa/23/25207?tipo=ranking&indicador=25189>>.

BRASIL, (2012). Ministério do Meio Ambiente (MMA). Áreas verdes urbanas. Recuperado em 21 de outubro de 2017, de:<<http://www.mma.gov.br/informma/itemlist/category/61-areas-verdes-urbanas>>.

BRASIL, (2020). Ministério de Infraestrutura e Meio Ambiente (MMA). Parque Urbano. Recuperado em 04 de outubro de 2020, de:<

<https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/parque-urbano/>>.

CARDOSO, S. L. C.; SOBRINHO, M. V.; DE ALBUQUERQUE V. A. M. (2015) Gestão ambiental de parques urbanos: o caso do Parque Ecológico do Município de Belém Gunnar Vingren. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 7, n. 1, p. 74-90, 2015.

<https://doi.org/10.1590/2175-3369.007.001.A005>.

CARVALHO, R. de S. Meio Ambiente e as práticas de atividades físicas em parques urbanos no município de Rio Branco - AC. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade de Taubaté - SP, 2017.

COELHO, R. E. M. Criação do Parque de Uso Múltiplo da Asa Sul. (Arquivo pessoal). Brasília, 12 de agosto de 2017.

COSTA, D. O. Parâmetros Normativos para a gestão de Parques Urbanos no Distrito Federal. Dissertação (Mestrado em geografia) - Universidade de Brasília. Departamento de Geografia. Brasília, 2011.

FERREIRA, A. D. Efeitos positivos gerados pelos parques urbanos: o caso do Passeio Público da Cidade do Rio de Janeiro. Niterói. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Universidade Federal Fluminense, 2005.

GARABINI, E. A. PARQUES URBANOS AQUI, ALI, ACOLÁ. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PROPAR/UFRES - Campo Grande, MS, 2004.

GOMES, M. A. S. (2014) Parques Urbanos, Políticas Públicas e Sustentabilidade. *Mercator*. v. 13, n. 2, p. 79-90. 2014. <http://dx.doi.org/10.4215/RM2014.1302.0006>

HILDEBRAND, E.; GRAÇA, L. R.; MILANO, M. S. (2001) Distância e deslocamento dos visitantes dos parques urbanos em Curitiba-PR. *Floresta e Ambiente*. v. 8, n. 1, p. 76-83. 2001.

HOEHNER, C. M.; RAMIREZ, L. K. B.; ELLIOTT, M. B.; HANDY, S. L.; BROWNSON, R. C. (2005) Perceived and objective environmental measures and physical activity among urban adults. *American journal of preventive medicine*. v. 28, n. 2, p. 105-116, 2005.

<https://doi.org/10.1016/j.amepre.2004.10.023>.

KLIASS, R. G. (1993) Os Parques Urbanos de São Paulo. São Paulo: Pini, 1993.

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. (2005) Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência*. v.1, n. 1. p. 125-139, 2005.

LOUREIRO, B. F. C.; CUNHA, C. C. (2008) Educação ambiental e gestão participativa de unidades de conservação: elementos para se pensar a sustentabilidade democrática. *Ambiente & Sociedade*. Campinas v. XI, n. 2. p. 237-253, 2008.

LOURES L.; SANTOS R.; PANAGOPOULOS T. (2007) Urban Parks and Sustainable City Planning – The Case of Portimão, Portugal. *WSEAS TRANSACTIONS on ENVIRONMENT and DEVELOPMENT*. Issue 10, Volume 3, October 2007.

LOURES L.; SANTOS R.; PANAGOPOULOS T. (2007) Urban Parks and Sustainable City Planning – The Case of Portimão, Portugal. *WSEAS TRANSACTIONS on ENVIRONMENT and DEVELOPMENT*. Issue 10, Volume 3, October 2007.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. Parques Urbanos no Brasil = Brazilian Urban Parks. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo, 2003 – [Coleção Quapá].

- MAYMONE, M. A. Parques Urbanos - Origens, Conceitos, Projetos, Legislação E Custos De Implantação Estudo De Caso: Parque Das Nações Indígenas De Campo. Dissertação (Mestrado em Tecnologias Ambientais) - UFMS. CAMPO GRANDE – MS, 2009.
- MONTEIRO, M. M. G.; TETTO, A. F.; BIONDI, D.; SILVA, R. R. S. (2013) Percepção dos usuários em relação à arborização da Avenida Cândido de Abreu - Curitiba - PR. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba, v. 8, n. 2, p. 20-34, 2013.
- PIMENTA, N. C.; SOLINO FILHO, T.; PICOLI, L. R. (2013) Ecossistema Urbanos e a Conservação da Biodiversidade: Benefícios Sociais e Ambientais do Parque de Uso Múltiplo da Asa Sul. IV Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, Salvador/BA – 25 a 28/11/2013. 2013.
- REIS, R. S. Determinantes ambientais para realização de atividades físicas nos parques urbanos de Curitiba: uma abordagem sócio-ecológica da recepção dos usuários. (Tese de Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. 2001.
- ROYAL, D.; MILLER-STEIGER, D. (2008) Volume II: Findings report national survey of bicyclist and pedestrian attitudes and behavior No. DOT HS 810 972.
- SILVA, J. B.; PASQUALETTO, A. (2013) Os Caminhos dos Parques Urbanos Brasileiros: Da Origem ao Século XXI. Estudos, v. 40. n. 3, p. 287-298. Goiânia (jun./ago. de 2013).
- SZEREMETA, B.; ZANNIN, P. H. T. (2013) A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades. Raega-O Espaço Geográfico em Análise. v. 29, p. 177-193. 2013.
- TOMIAZZI, A. B.; VILLARINHO, F. M.; MACEDO, R. L. G.; VENTURIN, N. (2006) Perfil dos visitantes do Parque Natural Municipal do Mendanha, município do Rio de Janeiro-RJ. Cerne. v. 12, n. 4, p. 406-411. 2006.
- TRIOLA, M. F. Introdução à Estatística. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: LTC. 1999.
- VIANA, Á. L.; LOPES, M. C.; NETO, N. F. D. A. L.; KUDO, S. A.; DA SILVA, G. D. F.; MARI, M. L. G. (2014) Análise da percepção ambiental sobre os parques urbanos da cidade de Manaus, Amazonas. Revista Monografias Ambientais. v. 13, n. 5, p. 4044-4062. 2014. DOI:10.5902/2236130811517.